

---

## CONHECIMENTO: A PASSAGEM PARA A MODERNIDADE

SOARES, Maria Aparecida Zero<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O conhecimento pode ser entendido como o conjunto de saberes que tenta esclarecer o mundo, ou o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Pode designar o ato de conhecer, enquanto relação que se estabelece entre consciência que conhece e o mundo conhecido. Mas também se refere ao produto, ao resultado do conteúdo desse ato, ou seja, o saber adquirido e acumulado pelo homem. No decorrer dos tempos, o conhecimento e a razão adquiririam formas diferentes, dependendo da maneira pelo qual o Homem entra em contato com o mundo que o cerca.

Nesta evolução predominam as divergências e as contradições. A evolução do pensamento filosófico é, antes de tudo, marcha de posições doutrinárias que se esforçam por vencer as opostas.

Considerando que ele é oriundo de um certo tipo de organização social, é por definição histórico (e aqui a participação de Sócrates é fundamental). Pode-se perceber ao longo do tempo grandes saltos na maneira de pensar, sentir e organizar o conhecimento.

Ao percorrer o caminho trilhado pelo conhecimento, houve necessidade de viajar a um tempo mais remoto, a fim de resgatar idéias, conceitos e pensadores que incluíram de forma decisiva nessas transformações. Uma abordagem histórica também se fez necessária para contextualizar e fundamentar o estudo do tema em questão.

Farei então, uma análise das idéias humanas no tempo e no espaço e a evolução da racionalidade humana, principalmente, a partir da Idade Média até a crise contemporânea.

### 1 CONCEITOS, IDÉIAS E NOÇÕES

CARTESIANO: relativo ao pensamento de Descartes. Cartesius era o nome latino de Descartes.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Professora da FE/FFCL.

**CETICISMO:** doutrina segundo a qual o espírito humano nada pode conhecer com certeza; conclui pela suspensão do juízo e pela dúvida permanente.

**COGNITIVO:** referente ao conhecimento.

**CONCEITO:** idéia abstrata e geral; representação intelectual, apreensão abstrata do objeto.

**COSMOLOGIA:** (logos, “estudo”, “razão”) parte da filosofia que estuda o mundo, a natureza; parte da metafísica que se ocupa da essência da matéria.

**DIALÉTICA:** no sentido amplo, arte de discutir, tensão entre os opostos. Em Heggel, significa a marcha do pensamento que procede pro contradição, passando pro três fases-tese, antítese e síntese – e reproduz o próprio movimento do Ser absoluto, ou Idéia.

**DOGMA:** ponto de doutrina religiosa aceito como indiscutível: verdade de fé, aceita sem prova.

**DOCTRINA:** conjunto de princípios, de idéias, que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico ou científico.

**EMPIRISMO:** doutrina filosófica moderna (séc. XVII) segundo a qual o conhecimento procede principalmente da experiência.

**EPISTEMOLOGIA:** estudo do conhecimento científico do ponto de vista crítico, isto é, do seu valor, teoria do conhecimento.

**ESCOLÀSTICA:** escola filosófica da Idade Média cujo principal representante é Santo Tomás de Aquino.

**ESSÊNCIA:** o que se faz com que uma coisa seja o que é, e que outra coisa: conjunto de determinações que definem um objeto de pensamento, conjunto dos constitui básicos.

**IDEOLOGIA:** nos sentido amplo, é o conjunto de doutrinas e idéias ou o conjunto de conhecimentos destinados a orientar a ação. Do ponto de vista político, é o conjunto de idéias da classe dominante estendido à classe dominada e que visa à manutenção da dominação.

**ILUMINISMO:** movimento racionalista do século XVIII (Kant e os enciclopedistas franceses) que consiste na crença no poder da razão de reorganizar o mundo humano.

**MARXISMO:** Doutrina econômica e filosófica iniciada por Marx e Engels (séc. XIX) contrapõe-se ao liberalismo; faz a crítica do Estado burguês. A teoria marxista tem como fundamento o materialismo histórico e dialético.

**METAFÍSICA:** parte da filosofia que estuda o “ser enquanto ser, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares; estudo do ser absoluto e dos primeiros princípios.

**ONTOLOGIA:** parte mais geral da metafísica, que trata do “ser enquanto ser”, às vezes, o conceito de ontologia é usado como sinônimo de metafísica.

**POSITIVISMO:** filosofia de Augusto Comte que considera o estado positivo o último e mais perfeito estado abrangido pela humanidade. Valoriza a ciência como a forma mais adequada de conhecimento, donde deriva o cientificismo.

**RACIONALISMO:** doutrina filosófica moderna (séc. XVII) que admite a razão como única forma de conhecimento válido; superestima o poder da razão. Principais representantes: Descartes, Leibniz.

**SENSO COMUM:** chamamos senso comum ao conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados e ao qual deve-se acrescentar os resultados de experiência vivida na coletividade a que pertencemos.

**SILOGISMO:** tipo de raciocínio dedutivo que, de uma proposição geral, conclui outra proposição geral ou particular.

**SOCIALISMO:** nome genérico das doutrinas que pretendem substituir o capitalismo por um sistema econômico planificado que conduza a resultados mais eqüitativos e mais favoráveis ao pleno desenvolvimento do ser humano.

**TEOLOGIA:** estudo da existência, da natureza e dos atributos de Deus, assim como de sua relação com o mundo.

## **2 HISTÓRICO**

### **2.1 O MOVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DA IDADE MÉDIA**

Sob a expressão “Idade Média”, alinham-se, em relação à Europa Ocidental, realidades culturais muito diversas, resultantes de quase mil anos de evolução histórica (séc. V ao séc. XV). De fato, do ponto de vista das instituições econômicas, sociais e políticas, podemos distinguir, na Idade Média, pelo menos três fases:

Do século V ao séc. IX – período das monarquias bárbaras centralizadas. Baseava-se numa economia diversificada, prolongamento da economia dos fins do Império Romano, e numa sociedade onde já era acentuada a servidão e que, apesar da presença dos germanos, repetia a estrutura da sociedade da decadência romana. A partir do século VII, com a ocupação do Mediterrâneo pelos árabes e o isolamento econômico disso resultante, a Europa Ocidental para sobreviver teve que voltar, praticamente, ao ruralismo primitivo. A vida urbana entrou em decadência e a moeda quase desapareceu. O comércio restringiu-se a um mínimo de trocas “in natura” e as atividades fabris circunscreveram-se à produção doméstica do estritamente indispensável.

Do século X ao século XII – época da afirmação e apogeu do Estado Feudal, originado da insegurança reinante com as invasões de húngaros e normandos, caracterizado pelo poder político do elemento que controlava a terra. As bases da organização político do elemento que controlava a terra. As bases da organização política descansavam, pelo menos a princípio, sobre uma economia agrícola de subsistência e sobre uma sociedade rigidamente hierarquizada, em que a maioria dos membros era constituída de servos.

Do século XIII ao século XV – fase de decadência do Estado Feudal e da reafirmação da vida urbana. O ressurgimento do comércio e da indústria artesanal afirmou a vida mercantil e urbana. Razoável parte da população se concentrou nas cidades, fugindo ao domínio feudal. A partir de fins do século XIII, a burguesia, como classe social, já era bastante forte para ajudar o rei na retomada de seus poderes e na liquidação do feudalismo.

## **2.2 O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E MORAL NA IDADE MÉDIA E O PENSAMENTO CRISTÃO**

Desde seu aparecimento, o pensamento cristão foi cindido por duas tendências opostas. A primeira, acentuadamente mística, era pessimista e fatalista. Traindo sua origem oriental e profundas influências maniquésitas, preocupava-se excessivamente com a noção de pecado e procurava levar o homem a ver na vida terrena uma desgraça, da qual devia libertar-se, em busca da vida futura.

A segunda era marcadamente racionalista, o que a levava a encarar, de forma otimista a salvação do homem. A vida era valorizada como um dom de Deus, que devia ser cuidado e desenvolvido, merecendo com seu sucesso, a justificação do homem após a morte.

Tal conflito de posições, por sinal presente no cristianismo em nossos dias, decidiu os pensadores cristãos durante as várias fases da Idade Média.

A primeira tendência predominou até o século XI e teve, a incentiva-la, o impacto causado pelas invasões bárbaras e pela ruína do Império Romano. Nos séculos XII e XIII, predominou a tendência racionalista.

Os séculos XIV e XV constituem um período de crise para a Teologia Cristã e para a escolástica, ao mesmo tempo em que se acentuam os elementos desagregadores que levariam à Reforma.

---

## 2.3 O DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO E LITERÁRIO

As artes: As realizações artísticas da Idade Média foram bastante modestas, até o século X. A partir de então, observou-se uma fase de grande desenvolvimento das artes, intensificada, mais tarde, com a generalização da vida urbana.

Arquitetura: Dois estilos se desenvolveram na arquitetura da Idade Média Ocidental: o românico e o gótico. O românico caracterizava-se por planta baixa em formato de cruz latina; paredes maciças e com poucas aberturas, interiores escuros. Ex. na Itália, a Catedral de Pisa; em Portugal, a Sé Velha de Coimbra. O estilo gótico desenvolveu-se depois do século XII, com os seguintes elementos básicos: formas agudas, em linhas verticais, arco em ogiva, abóboda angulosa, etc. Ex. a catedral de Notre-Dame de Paris, a Catedral de Cantuária, na Inglaterra.

Música: Ao lado da música erudita, essencialmente religiosa, cumpre lembrar a música profana, em suas duas formas: a aristocrática (mais cuidada; executada nos castelos pelos menestrelis e segréis) e a popular.

As Universidades: A educação escolar assumiu, na Idade Média Ocidental, variadas formas. Suas instituições mais características foram, no entanto, as escolas mantidas pelos mosteiros e pelas catedrais, bem como as universidades.

As escolas dos mosteiros e das catedrais ministravam ensino básico para os estudos superiores de Filosofia e Teologia dos clérigos. Tal ensino, aberto também aos leigos, tinha por disciplina as “Sete Artes Liberais”, divididas, conforme o costume romano, em dois conjuntos, o “trivium”, composto de Gramática, retórica e o “quadrvium”, em que apareciam: a Aritmética, a Geometria, a Astronomia e a Música.

## 2.4 AS CRÍTICAS À IDADE MÉDIA

Com o Renascimento, iniciou-se, entre os intelectuais, uma tradição de combate à Idade Média. Os humanistas, empolgados pela cultura greco-latina, revalorizada com o Renascimento, fazem-nos voltar-se contra a época precedente, conceituada por eles como uma fase de obscurantismo e atraso cultural – a noite de mil anos.

Os pensadores dos séculos XVII e XVIII intensificaram o sentido perjorativo do conceito de Idade Média. Parecia-lhes não só uma época de estagnação cultural, mas ainda um período de hábitos grosseiros, de opressão política, fanatismo religioso, tirania da Igreja e privilégios absurdos.

Durante o século XIX, no entanto, a Idade Média começou a ser estudada com alguma simpatia. Iniciou-se a reabilitação da literatura medieval e da arte gótica; tudo, porém, dentro das coordenadas do romantismo literário. Era uma Idade Média em grande parte recriada pela fantasia. Deu-se, contudo, um primeiro passo para a superação do sentido pejorativo que se lhe dava.

Hoje, depois do amplo trabalho de teóricos como Karl Marx, de economistas com o Wener Sombart e historiadores como Henri Pirenne, não há por que não superar, em definitivo, o anacronismo de atacar a Idade Média.

De fato se a Idade Média apresentou altos e baixos em suas criações culturais, não deixou de ser uma fase criadora. O Mediterrâneo manteve-se como centro decisivo para a vida do Ocidente, pelo ressurgimento do comércio e sua interiorização na Europa Ocidental, depois do século XII. Civilizaram-se os bárbaros e a cultura clássica foi resguardada e difundida, o mesmo acontecendo com os valores do cristianismo. Lançaram-se as bases da economia capitalista, com as atividades dos mercadores e dos banqueiros. Surgiu a burguesia, classe em torno da qual se desenvolverá a vida das idades posteriores.

Observa-se, pois, que os principais padrões de comportamento vigentes no Ocidente tiveram sua origem na Idade Média, considerada a infância da Cultura Ocidental.

## **2.5 IDADE MODERNA: REVOLUÇÃO COMERCIAL E MERCANTILISMO**

A economia da Idade Moderna teve por centro um comércio intenso, mundial e de caráter capitalista, perante o qual se demonstra a incipiência e o empirismo das atividades mercantis medievais. Esse comércio teve, como ponto de partida, a Revolução Comercial.

Costuma-se chamar Revolução Comercial ao conjunto dos fatos que deram origem ao comércio da Idade Moderna e às suas principais características abrangidas pelo período que transcorreu entre meados do século XV e o final do século XVI.

O mercantilismo nascido com a Revolução Comercial, de cuja realidade é consequência, definir-se-á como sendo o conjunto de práticas e idéias econômicas que presidiram à economia da Idade Moderna.

## **2.6 A REVOLUÇÃO INTELECTUAL DA IDADE MODERNA**

O papel, a gravura e a imprensa: Nos princípios do século XII, na Europa Ocidental, os documentos e os livros, em geral, escritos sobre pergaminho. A partir das fábricas criadas

pelos árabes, na Espanha, durante o século XII, generalizou-se a produção europeia de papel, favorecendo grandemente a produção e circulação de obras científicas e literárias.

Atribui-se a Gutenberg, na primeira metade do século XV, a publicação dos primeiros textos produzidos com a utilização de pranchas formadas de caracteres móveis, fundidos em metal aplicados com o auxílio da prensa. A imprensa, assim surgida, constitui um dos elementos capitais do Renascimento científico, artístico e literário, bem como da efervescência cultural que caracteriza os séculos XVII e XVIII na Europa.

## **2.7 O RENASCIMENTO CIENTÍFICO**

Até os fins da Idade Média, não se fazia diferença nítida entre Ciência e Filosofia. Uma e outra usavam quase exclusivamente o método dedutivo e se subordinavam igualmente ao espírito religioso da época. Os problemas humanos e técnicos surgidos com a afirmação da burguesia comercial, mais tarde, com os Grandes Descobrimentos, levaram à superação do pensamento filosófico-científico-medieval, aguçaram a curiosidade geral e iniciaram a definição dos campos específicos da Teologia, da Filosofia e da Ciência.

Duas tendências principais marcaram o pensamento científico, no Renascimento: a adoção do método indutivo nas Ciências da Natureza, caracterizado pela observação e pela experimentação, e a busca de soluções naturais para os problemas científicos, deixando de lado as explicações de ordem religiosa.

## **2.8 A REFORMA**

O iniciador da Reforma Protestante era frade. Agostiniano e professor na Universidade de Erfurt, sua terra natal, sendo conhecido por suas doutrinas pessimistas, muito orientadas, aliás, para a tendência mística que marcou o pensamento cristão medieval.

Na linguagem dos estudos históricos e religiosos, a palavra Reforma designou, durante muito tempo, o conjunto dos movimentos de que se originou o protestantismo. Hoje, sob essa denominação, encontram-se, de um lado, o surgimento das primitivas Igrejas Protestantes e, de outro, o esforço auto-reformista desenvolvido pela Igreja Católica Romana.

A unidade do cristianismo não fora coisa tranqüila na Idade Média, pois surgiram numerosos movimentos heréticos.

### 3 OBJETIVO

#### 3.1 A QUESTÃO DO CONHECIMENTO ANTES E NA IDADE MÉDIA

As divergências doutrinárias, dentro da Filosofia, não são apenas uma possibilidade. São, antes de tudo, um fato histórico. As divergências nas correntes de pensamentos, considerando a evolução cronológica, são realmente históricas. Normalmente uma teoria surge apoiando-se em outra anterior da qual discorda, converge ou procura aperfeiçoar. A evolução do pensamento filosófico é, antes de tudo, uma marcha de posições doutrinárias, que se esforçam por vencer as opostas.

O problema que chamou atenção dos primeiros filósofos gregos foi o da natureza das coisas imateriais, isto é, o do primeiro princípio e do fim último das transformações naturais. Essa preocupação teve início na Grécia, a partir do século VI a.c. Inicialmente, na Escola Jônica, Tales de Mileto (623 – 546) afirma ser a água o princípio único e imutável de todas as transformações que se operam na natureza. Quase ao mesmo tempo, Anaximandro (610 - 547) afirma que esse princípio é o infinito, mistura de todos os contrários. Anaxímenes (588 - 524) e Heráclito (540 - 475) estabelecem respectivamente o ar e o fogo. Paralelamente, na Itália meridional, Pitágoras (580 – 500), observando que em tudo existe uma harmonia matemática, atribui aos números a função de serem o princípio imutável de toda a realidade.

A falta de uma solução adequada para o problema cosmológico das transformações naturais criou logo polêmica no campo metafísico. O próprio Heráclito preferiu adotar a fórmula de que nenhum princípio imutável estaria sob as transformações naturais, daí partindo, então, para sua metafísica da mobilidade, cuja tese fundamental é a seguinte: a natureza das coisas consiste no absoluto vir a- ser – espécie de não-ser. Isso justifica, aliás, a sua escolha do fogo para primeiro princípio e fim último das coisas. O fogo, com efeito, é um elemento instável por excelência, símbolo perfeito do que está continuamente em marcha para ser o que ainda não é. Em oposição a Heráclito, Parmênides de Eléia ( 540 – 475) nega toda transformação natural. Desprezando o testemunho dos sentidos, afirmou que o ser, concebido em uma esfera finita suspensa no vácuo, é uno, imóvel e indestrutível.

Tempos depois, intervém na discussão Demócrito de Abdera (460 – 370), o maior expoente da Escola Atomística. Rejeitando a disputa metafísica, tanto admite a realidade do SER parmenideano quanto a do não-ser (vir-a –ser) heracliteano. Para os atomistas gregos, o mundo é constituído de átomos, ou partículas mínimas de matéria. Os átomos, segundo esta escola, são imutáveis mas não são iguais. Movimentam-se por acaso, mudam de posição

---

dentro do vácuo que os separa, ou então mudam de lugar e se juntam a outros em grupos que variam quanto à forma. Os átomos são o ser; o vácuo em que se encontram, mas que é tão real quanto os átomos, é o não-ser. As mudanças de posição e de lugar explicam o nascimento e o ocaso dos seres naturais.

A reação à Sofística – assim se chamava um movimento que veio com Sócrates (469 – 399) quando antepôs à vaidade dos sofistas a sua humildade. A resposta que dava ao Oráculo de Delfos : “conhece-te a ti mesmo” confessava em público a sua própria ignorância. Para salvar a Ciência, fez ver a necessidade da conceituação precisa do seu objeto. A partir da experiência, há de se chegar ao conceito, o qual, uma vez determinado pela definição, nos fornece o conhecimento exato da essência da realidade. O método para se chegar à definição do conceito era duplo: a) Ironia – argumentação por meio de perguntas habilmente feitas àqueles que julgavam toda a ciência, de sorte que os interlocutores, no caso os sofistas, caindo em contradição, reconhecessem sua própria ignorância; b) Maiêutica (etimologicamente, a arte de partear) – método didático baseado no princípio de que a instrução não é a imposição de uma doutrina ao discente, mas um processo pelo qual o mesmo tira da mente do discípulo aquilo que já se acha ali dentro. A maiêutica socrática – diga-se de passagem – foi aplicada por Platão nos muitos diálogos em que Sócrates aparece como figura central. Tivemos oportunidade de assistir ao filme “O nome de Deus” que se situa historicamente no séc. XII, onde o personagem Abelardo utiliza em seus ensinamentos esse tipo de técnica.

Conduzindo o pensamento filosófico para a busca da essência das coisas, que devem ser definidas adequadamente, Sócrates pode ser considerado como o fundador da ciência abstrata. Assim agindo, não só superou a sofística, mas também acrescentou um elo muito importante à cadeia da evolução do pensamento humano: não basta buscar a verdade, mas é preciso saber como fazê-lo.

Platão volta ao dilema Parmênides – Heráclito – Platão (427- 347) foi discípulo de Sócrates, de 407 até a morte deste em 399 a. c. Sua doutrina é muito vasta, considerada como um todo, mas aqui é bastante apontar sua contribuição para a evolução do pensamento filosófico quando, inspirado no método e nos ensinamentos de Sócrates, buscou uma solução para o problema das transformações naturais.

Buscando o conceito e a definição – tal como recomendava Sócrates – Platão partiu da análise do conhecimento sensível, que só nos fornece o variável e o móvel das coisas, não a essência. Cedo, percebeu, contudo, que era preciso libertar-se do conhecimento sensível para chegar à visão conceitual das essências. Mas exagerou. Não só se desvencilhou do sensível, como também admitiu que da sensação particular, variável e relativa, não era possível tirar o

conceito universal, imutável e abstrato. E nisso já discordava profundamente de Sócrates, pois, enquanto a conclusão desse ousado idealismo platônico era a de que os conceitos são inatos no espírito humano; Sócrates jamais admitiu o conceito como puro conteúdo mental, mas invariavelmente como um abstrato do sensível.

São decorrências dessa posição platônica, no campo de sua metafísica: a ) as idéias (ou conceitos universais) – têm existência objetiva separada da matéria;

b) nosso processo de conhecimento é a reminiscência do que vimos, antes desta vida, no mundo das idéias por onde nossa alma andava; c) o princípio imutável que está sob as transformações naturais que são as idéias. A realidade para a Platão, não está no que a experiência nos atesta: o vir a ser heracliteano; nem tampouco o ser imóvel e imutável de Parmênides é de natureza física. O mundo físico é uma ilusão dos sentidos; a verdadeira realidade está fora dele, no mundo das idéias. Como nossa alma, que é inteligente, partícipe do Logos, conviveu com essas Idéias antes de se encarnar, ela pode conhecer as coisas deste mundo, reconhecendo por lembrança, pro reminiscência, a Idéia que elas realizam imperfeitamente. O objetivo de toda filosofia e de toda educação é desenvolver um esforço dialético no sentido de se elevar da visão das coisas terrenas, concretas e mutáveis, à contemplação das Idéias. A contemplação das Idéias fornecerá também critérios para o agir moral dos indivíduos e para a organização da vida em sociedade. Aristóteles (384 – 322), discípulo de Platão, a partir de 367 a c. e conhecedor profundo dos filósofos pré-socráticos, nem sempre concordou com seu mestre. Pelo contrário, com lógica rigorosa demonstrou a inconsistência da teoria platônica das idéias. Seu ponto de partida foi o problema do ser, inicialmente no sentido cosmológico, depois, no sentido metafísico. Estabelecendo nada haver no intelecto sem ter antes passado pelos sentidos, conclui que era preciso partir do conhecimento sensível para o intelectual, pois o objetivo da ciência é o conceito universal que nos dá a essência das coisas concretas.

Depois de Aristóteles, o pensamento filosófico prosseguiu em sua marcha, às vezes, voltando para os erros iniciais e frequentemente só dando atenção a aspectos parciais da realidade. No entanto com o aparecimento de Cristo e seus ensinamentos sobre uma doutrina sobrenatural (acima da Filosofia), não podia deixar de influir no pensamento filosófico de seus seguidores, os quais, seja para mostrar que a fé não é ilógica, seja para satisfação interna da sede de saber, muitas vezes foram buscar nas fontes da filosofia grega a inspiração para suas tomadas de posição.

Santo Agostinho (354 – 430) representa de certo modo uma volta a Platão, quando restringe o valor do conhecimento sensível, embora de maneira menos absolutista. Está

---

convencido de que o conhecimento intelectual exige uma luz espiritual assim como a visão fisiológica requer uma luz física. Essa luz espiritual é o verbo de Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, que se fez carne e veio ao mundo para dar o “testemunho da verdade” e salvar os homens das “trevas da ignorância”. No Verbo de Deus, segundo Santo Agostinho, estão todas as verdades imutáveis. E é participando de sua luz que conhecemos as coisas intelectualmente. Há uma semelhança muito grande entre a teoria do conhecimento de Santo Agostinho e a de Platão (Santo Agostinho representa a constituição Cristã do Cristianismo).

O Aristotelismo Cristão: Tomás de Aquino (1225 – 1274) retorna o pensamento aristotélico sob a influência de Alberto Magno (seu mestre) a quem coube a tarefa de conciliar, por primeiro, o racionalismo de Aristóteles com o dogmatismo da fé cristã. Esse racionalismo era encarado inicialmente com reservas. Afirmar, com efeito, a capacidade de a inteligência humana atingir por si mesma o inteligível era rejeitar toda uma tradição agostiniana segunda a qual o conhecimento humano dependia de uma iluminação especial do Verbo de deus, concepção bastante simpática ao sentido cristão daquela época.

Segundo São Tomas o conhecimento humano parte dos sentidos para terminar na inteligência, não precisando, portanto, de outra luz além daquela da própria razão. Ele representa um importante elo da evolução do pensamento filosófico, acrescentado no momento exato em que a Razão e a Fé se dão as mãos, depois de conceituadas como coisas diferentes.

### **3. 2 O RENASCIMENTO PROMOVE UMA VOLTA DIRETA À CULTURA GREGA REJEITANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA IDADE MÉDIA E INAUGURANDO A ERA MODERNA: SEC. XV A XVII.**

O naturalismo aristotélico que Santo Tomás pôs à disposição dos pensadores ocidentais dos séculos XIV e XV foi, na realidade, um dos elementos substantivos para a revolução cultural e filosófica que iria ocorrer com o Renascimento. É que, no Aristotelismo, a natureza para existir e funcionar prescindia da intervenção divina, sendo assim incompatível com a visão teocêntrica da Idade Média. Abriam-se assim as portas para o cosmocentrismo e para o antropocentrismo: os elementos centrais da realidade e, conseqüentemente, da reflexão filosófica são o mundo natural e o homem, e não mais Deus. A era moderna se caracterizará, com efeito, por desenvolver uma concepção na qual a natureza física e o homem ocuparão o centro (elevação do Homem e declínio de Deus).

A história de Giordano Bruno, resguardada através do filme a que assistimos, retrata uma época não só de cataclismos sociais e econômicos, como também da concepção do saber.

Proclama já a independência dos homens. Deus criou os homens, mas os homens são responsáveis pelos seus destinos. Houve uma mudança de vida, de pensamento, etc. Bruno preanuncia Descartes (e o racionalismo).

Conforme melhor focado no relato histórico, ocorreu uma grande transformação sócio-econômica: o feudalismo entrando em declínio e desenvolvendo-se o mercantilismo e o colonialismo. Esse desenvolvimento no plano econômico estimula inventos e descobertas no plano tecnológico, ampliando-se o poder de manipulação que o homem exercia sobre a natureza. Estavam lançadas as bases do capitalismo, que surgia como novo modo de organização de produção.

Por outro lado, houve significativas reformulações também no plano político, os príncipes começando a se unir à burguesia e a se opor ao poder centralizado dos reis e dos papas. Começaram a se formar as nações que se contrapunham aos grandes impérios. Cabe referir-se ainda às transformações que se deram na própria religião. A Reforma Protestante insere-se nesse quadro de afirmação do racionalismo individualista.

A grande revolução cultural que deu início à época moderna é marcada assim, no plano filosófico, por um incisivo racionalismo e pelo naturalismo que se expressam, no âmbito econômico, pelo capitalismo; no âmbito religioso; pelo protestantismo; no âmbito social, pelo individualismo burguês.

Estavam assim dadas as condições para o redimensionamento geral da perspectiva filosófica. Apesar das pretensões alardeadas pelos renascentistas, não havia como reproduzir a cultura grega, fazendo-a renascer. Na realidade, o que se retomou, com renomado vigor, foi o racionalismo naturalista grego, agora instrumentalizado à altura para possibilitar a superação da metafísica enquanto ciência das essências.

### **3.3. A ERA MODERNA ELABORA UM GRANDE PROJETO DE REVOLUÇÃO CULTURAL: O PROJETO ILUMINISTA QUE SE MARCA PELA CONSOLIDAÇÃO DE UMA FILOSOFIA RACIONALISTA E PELO SURGIMENTO DA CIÊNCIA ( SÉC. XVII E XVIII).**

A Idade Moderna se caracterizou no plano filosófico-cultural por um projeto iluminista: tudo o que se faz é feito com a convicção de que as luzes da razão natural iluminam os homens, eliminando as trevas da ignorância. Por meio de conhecimentos obtidos racionalmente, os homens não apenas se esclarecerão individualmente como ainda poderão construir uma sociedade mais adequada e justa.

---

Esse projeto iluminista da filosofia, conduzido sob o mais exigente nacionalismo, iniciou-se por duas grandes vias: de um lado, praticando-se uma filosofia crítica, encarregada de superar a metafísica no plano teórico, mostrando a sua inviabilidade; de outro, criando uma nova forma de conhecimento, a ciência, que substituiria o saber das essências pelo saber do fenômenos.

Assim, enquanto as preocupações da filosofia antiga e medieval eram ontológicas, as preocupações da filosofia moderna são epistemológicas, ou seja, antes de avaliar qual a verdadeira capacidade do homem, deve-se conhecer a realidade que o circunda.

Duas foram as orientações pelas quais se expressou a nova postura crítica da filosofia: uma, a do racionalismo idealista que defendeu a posição de que o conhecimento verdadeiro só é possível na intuição intelectual que se dá no ato da reflexão, ou seja, no momento em que o sujeito pensante apreende seu próprio ato de pensar. É nesse momento que se tem a evidência racional, único critério capaz de garantir a certeza do conhecimento. Tomaram essa orientação, Descartes, Malebranche, Espinosa e Woff. Uma vez garantida a evidência, é até possível reconstruir a metafísica, uma metafísica idealista [...]

Para além dessas orientações filosóficas, formou-se ainda um saber novo, a ciência. Tratava-se de um conhecimento diferente do conhecimento metafísico, pois embora seja impossível à razão atingir a essência das coisas, ela pode atingir os fenômenos das mesmas, ou seja, sua manifestação empírica à consciência dos homens. Nomes como Copérnico, Galileu, Kepler e Newton, entre tantos outros, lembram-nos pesquisadores trabalhando fora da universidades e produzindo novas explicações dos vários aspectos da natureza, mediante uma postura ao mesmo tempo teórica e prática. Adotam uma nova metodologia para seu conhecimento: um método simultaneamente matemático e experimental. Esse novo conhecimento, além de seu alcance explicativo, no plano teórico, revelava-se também muito fecundo pelo seu alcance técnico, no plano prático. Permitia ao homem construir equipamentos pro meio dos quais ampliava seu poder de manipulação do mundo.

O Empirismo de Francis Bacon: O fim da Renascença marcou o início de duas grandes tendências do pensamento filosófico: o Empirismo, na Inglaterra, e o Racionalismo, na França, que pretendiam fazer oposição à filosofia tradicional.

Francis Bacon (1561 – 1626) reivindica, para a Construção da Ciência, o método indutivo em oposição ao método dedutivo (silogismo aristotélico) da Escolástica. Isso representa mais um elo na evolução do pensamento humano, porque significa maior valorização da experiência, espoliada da corrente platônica e apenas ponto de partida da corrente aristotélica. Isso não vale dizer, contudo, que Aristóteles e os escolásticos, sempre às

voltas com raciocínios dedutivos, tivessem rejeitado a indução. É que a eles interessava muito mais o metafísico do que o físico. E se a física dos escolásticos, praticamente a mesma que receberam de Aristóteles, estava fracassando na explicação de novos fenômenos, como prova o famoso processo de Galileu, era preciso adotar novos métodos para a Ciência. Esse método consistia no princípio de que Francis Bacon se serviu para lançar seu empirismo: manipular as coisas para ver o que se pode fazer com elas. E, daí em diante, não foram poucos os que pretenderam explicar tudo com base exclusiva na experiência sensível. Um retrocesso, em última análise, na evolução do pensamento filosófico.

Descartes e o Racionalismo: Se Francis Bacon apelou para a indução com vistas à recuperação da Ciência, Descartes (1596 - 1649) pretendeu construir a Filosofia pelo método matemático (racionalista e dedutivo), a partir de poucos princípios, claros e distintos.

O método cartesiano apresenta quatro etapas: a) Intuição – jamais aceitar uma coisa como verdadeira a não ser que se apresente tão clara e distinta de sorte que não haja ocasião de pô-la em dúvida. b) Análise – dividir cada uma das dificuldades em tantas possíveis e necessárias para resolvê-la melhor. c) Ordem – ordenar os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, ascendendo lentamente pro degraus até os conhecimentos mais complexos. d) Enumeração completa e visão ampla de tudo o que é necessário e suficiente para resolver uma questão, de sorte que nada se omita.

Esse método, pelo qual os problemas filosóficos são resolvidos “more geométrico” teve influência decisiva em toda a filosofia moderna. Se Descartes é considerado o pai da filosofia moderna, certamente não é em suas concepções doutrinárias, mas a seu método, que isso se deve. O poder quase absoluto atribuído à Razão, às restrições impostas ao conhecimento sensível, tudo isso levou os racionalistas posteriores a sínteses cada vez mais apriorísticas, integrando-as na mais variadas formas de subjetivismo e de fenomenalismo, afastando-os do realismo aristotélico-tomista.

O Cristianismo Kantiano –Kant (1724 – 1804), com seu criticismo, foi o ponto de convergência das correntes empirista e racionalista da filosofia moderna e, ao mesmo tempo, o ponto de origem das tendências idealista e positivista da filosofia contemporânea. Para um estudo sistemático da evolução do pensamento filosófico, pode Kant ser considerado como o único elo da corrente, por causa precisamente dessa aludida posição.

A doutrina de Kant recebeu o nome de criticismo porque a parte mais importante de sua obra foi dedicada à crítica da razão, isso é, ao problema do valor do conhecimento humano. Este problema não foi ignorado pelos filósofos anteriores. Enquanto eles, contudo, visavam mais o cognoscibilidade do objeto da inteligência racional, Kant invertia a questão e

---

pesquisava antes de tudo a capacidade de a razão conhecer o seu objeto. O que faz Kant um novo ponto de referência na evolução do pensamento filosófico, é justamente aquela inversão do problema, a busca da verdade do sujeito, enquanto as filosofias anteriores buscavam a verdade do objeto.

### **3. 4 NO SÉCULO XIX, ASSISTIMOS AO FECUNDO DESDOBRAMENTO DA CIÊNCIA, O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS QUE LANÇAM RAÍZES DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA**

O século XIX foi talvez o século mais fértil para a cultura filosófica, uma vez que a ciência e a filosofia adquiriram sua autonomia plena e grandes desdobramentos se dão em ambas as frentes.

No âmbito da ciência, três aspectos se destacam:

- 1 – grande desenvolvimento das ciências naturais, sobretudo das ciências físico-químicas.
- 2 – as ciências biológicas adquirem uma dimensão histórica em função da descoberta do caráter evolutivo da vida.
- 3 – formam-se as ciências humanas (psicologia, sociologia, economia, política, história, antropologia, geografia, etc) pela extensão do uso do método científico aos diversos aspectos da vida dos homens.

Essa fecundidade do conhecimento científico torna igualmente fecundo o positivismo que vai inspirar várias vertentes filosóficas que repercutiram no século XX: o evolucionismo, o pragmatismo, o vitalismo e o cientificismo.

Já no âmbito da filosofia, multiplicam-se as novas orientações: na linha do subjetivismo, surge a fenomenologia (HUSSER; SCHELER); a genealogia (NIETZSCHE): procurando unir a dialética hegeliana com o naturalismo, a sociologia e a economia; surge o marxismo (FEUERBACH, MARX, ENGELS): buscando explorar a psicologia e o naturalismo; surge a psicanálise (FREUD, JUNG).

### **3.5 O SÉCULO XX: ACENTUA-SE A PREOCUPAÇÃO COM O CONHECIMENTO E COM O SENTIDO DA EXISTÊNCIA DO HOMEM**

O século XX foi e continua sendo um período marcado por conquistas, contradições e retrocessos em todos os planos. Duas guerras mundiais e centenas de conflitos bélicos regionais o abalaram diuturnamente. As conseqüências desses conflitos são cada vez mais

desastrosas devido ao desenvolvimento e à sofisticação tecnológica dos armamentos. Os esforços diplomáticos não impedem os conflitos políticos e econômicos que opõem entre si as nações. Fortes ideologias provocam confrontos radicais: facismo, nazismo, socialismo, capitalismo.

A ciência está na base de toda revolução permanente em que se transformou a civilização ocidental do século XX. É o século da terceira revolução industrial, a da tecnologia eletrônica e da cibernética, pela qual o homens ampliam o poder do próprio cérebro.

E é nele que nós, atuais viventes, estamos inseridos, fazendo também parte da história [...]

## **CONCLUSÃO**

A “Morte de Deus” ou o crepúsculo da transcendência parece ser, assim, reivindicado tanto por revolucionários quanto por liberais, levando muitos a considerar, como conclusão necessária da Modernidade, a completa eliminação do horizonte religioso.

A radicalidade desse pensamento pasma e amedronta.

Amenizando, diria que não há como negar que o processo do desenvolvimento humano se caracteriza por uma contínua invenção; incorporação; transmissão do conhecimento, da invenção crítica do já produzido; adesão e recusa; nova invenção; retransmissão do novo; reincorporação e assim por diante.

Esse momento da modernidade abarca um período histórico que podemos recuar possivelmente até o início do século XVI, mas essencialmente se refere ao período que emerge no mundo ocidental a partir do final do século XVIII até nossos dias: é o momento da máxima expressão da racionalidade científica, em que os homens assumiram de modo absoluto a responsabilidade e a consciência de que o mundo é sua criação e de que, pela razão pode-se criar um mundo à sua imagem e semelhança. Não é nenhuma consciência de perfeição, mas de que o imperfeito criado pelo homem pode ser recusado e transformado igualmente pelo homem: é o pleno sentimento de que ele é livre.

---

**REFERÊNCIAS**

- ALIGHIERI, Dante – St. Tomás de Aquino.
- ARANHA, M. L. de A. **Filosofando**. 2 ed. São Paulo: Moderna
- CARMO, S. I. **História passado e presente**. São Paulo: Atual.
- FOUCAU, M. Nietzsche, Freud e Marx. Edições Rêe.
- GOMES, P. M. **História geral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lê.
- HEGENBERG. L. **Significado e conhecimento**. E. P. U
- JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade**. E. P. U
- LOWY, N. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen**. 3 ed. São Paulo: Busca Vida.
- NEIDSON, R. **Modernidade e educação: tópicos para discussão** – Idéias 15.
- \_\_\_\_\_. **As entranhas da modernidade** – Idéias 16.
- PIAGET, Jean. **Sabedorias e ilusões da filosofia**.
- SANTOS, F. de A **A emergência da Modernidade**. São Paulo: Vozes, 1990.
- SEVERINO, A J. **Filosofia**. São Paulo: Cortez.
- WILL, D. **História da filosofia**. Rio de Janeiro: Nacional.